



FACULDADE ITAPURANGA

ANYELLE GOMES DE SOUZA SANTOS
FRANCYELLY VITÓRIA DA CRUZ SILVA
RAQUEL RODRIGUES COSTA
RAYANE BARBOSA SILVA

**ESCOLA/FAMÍLIA: UMA IMPORTANTE RELAÇÃO NO PROCESSO
EDUCATIVO**

ITAPURANGA

2021

ANYELLE GOMES DE SOUZA SANTOS

FRANCYELLY VITÓRIA DA CRUZ SILVA

RAQUEL RODRIGUES COSTA

RAYANE BARBOSA SILVA

**ESCOLA/FAMÍLIA: UMA IMPORTANTE RELAÇÃO NO PROCESSO
EDUCATIVO**

Trabalho apresentado como requisito parcial à conclusão do
Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Faculdade
Itapuranga, com orientação da professora Arlete Félix Vieira
Silva.

ITAPURANGA

2021

ANYELLE GOMES DE SOUZA SANTOS
FRANCYELLY VITÓRIA DA CRUZ SILVA
RAQUEL RODRIGUES COSTA
RAYANE BARBOSA SILVA

**ESCOLA/FAMÍLIA: UMA IMPORTANTE RELAÇÃO NO PROCESSO
EDUCATIVO**

Trabalho apresentado como requisito parcial à conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Faculdade Itapuranga. Este TCC foi aprovado em ____/____/____, pela banca examinadora constituída pelos professores:

BANCA EXAMINADORA

**Prof. Arlete Félix Vieira Silva
(Orientadora – Faculdade FAI)**

AGRADECIMENTOS

Agradecemos, primeiramente, a Deus que é nosso bem maior, e sem ele nada disso seria possível, as nossas famílias que em muito nos auxiliaram nesta longa caminhada. E também aos nossos colegas de sala que fizeram parte dessa caminhada, aos professores que nos ajudaram na construção da nossa história estudantil e nos acompanharam durante esses anos de Faculdade;

Nosso agradecimento em especial a nossa orientadora, Professora Arlete Félix Vieira Silva, pela paciência e direcionamentos durante a elaboração desta pesquisa;

De um modo geral, a todos aqueles que de uma forma ou de outra contribuíram para que tivéssemos êxito não somente ao longo desses anos, mas sim durante toda nossa vida. Sem dúvida nenhuma, este trabalho só se tornou possível com o apoio de pessoas queridas e muito importantes, que de forma tão especial contribuíram para que nosso sonho se tornasse realidade.

“Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo.”

Paulo Freire

RESUMO

No contexto histórico da educação brasileira, a relação entre a escola e a família, não é tão fortalecida como deveria. A hipótese de que o desinteresse das famílias na vida escolar de seus filhos poderá prejudicar no desempenho global da criança, podendo inclusive afetá-lo, futuramente, como indivíduos adultos. Ficando assim, a pergunta: o quê a escola precisa fazer para mostrar que é um espaço de diálogo aberto, que oferece uma preparação curricular descentralizada, mas que só ela não é capaz de conquistar a participação e presença efetiva da família no processo educativo da criança? Portanto, objetivo geral do presente trabalho é mostrar através de uma análise da relação escola - família contemporânea, busca por aspectos que a escola pode integrar para gerar importância na relação e no processo educativo da criança, bem como investigar se o uso de ferramentas de tecnologia de informação e comunicação podem aproximar escola e família de forma democrática, participativa e constante. Os objetivos específicos deste estudo: Evidenciar como as mudanças sociais contemporâneas dos últimos 20 anos tem afetado na estrutura familiar e como essa família influencia na forma como a criança aprende; Atribuir quais são as funções, responsabilidades e dificuldade da escola no papel educativo da criança, observando o que os pais ou responsáveis, sabem sobre que é responsabilidade deles, o que é responsabilidade da escola, o que é responsabilidade dos dois e como ele enxerga sua participação e colaboração com a escola; Analisar se durante o ensino remoto (durante a Pandemia provocada pela COVID-19), pais e professores puderam dialogar sobre os efeitos positivos e negativos na educação das crianças. A metodologia utilizada foi de Pesquisa de Revisão Bibliográfica, o alvo da pesquisa são estudos sobre a relação escola-família como agentes de transformação e melhoria no aprendizado das crianças. A busca bibliográfica foi restrita por estudos de 2001 até 2021, através do Google Acadêmico, livros no site do Google, Biblioteca Virtual de instituições de ensino superior, artigos acadêmicos publicados em revistas científica veiculadas pela internet, banco de monografia de dissertação e teses de doutorado. O método de análise foi a abordagem qualitativa. O trabalho foi organizado em três capítulos: No capítulo I, consta uma breve contextualização acerca dos reflexos da historicidade da família e a escola na vida da criança, com ênfase na família brasileira. Já no capítulo II, objetivo de apresentar abordagem pedagógica nos conflitos afetivos e trilhar um entendimento dos fatores emocionais, de pontos positivos e negativos de um ambiente analisando suas influências, desde as primeiras sensações até o pleno desenvolvimento de uma personalidade. O terceiro e último capítulo, traduz a importância do envolvimento da família na escola, refletindo como uma mudança no comportamento impacta no ambiente educacional (família, criança, escola). Nas considerações finais, é feita uma reflexão do aprendizado gerado pelo estudo, tanto na elaboração do material até execução da escrita.

Palavras-Chave: Relação escola/família, Processo educativo e Desenvolvimento da aprendizagem.

ABSTRACT

In the historical context of Brazilian education, the relationship between school and family is not as strengthened as it should be. The hypothesis that the lack of interest of families in their children's school life may affect the child's overall performance, and may even affect them in the future as adults. Thus, the question remains: what does the school need to do to show that it is a space for open dialogue, that it offers decentralized curricular preparation, but that it alone is not capable of conquering the effective participation and presence of the family in the child's educational process ? Therefore, the general objective of the present work is shows, through an analysis of the contemporary school-family relationship, to search for aspects that the school can integrate to generate importance in the relationship and in the child educativos educational process, as well as to investigate whether the use of technology tools of information and communication can bring school and family together in a democratic, participatory and constant way. The specific objectives of this study: To show how contemporary social changes over the last 20 years have affected the family structure and how this family influences the way the child learns; Assign what are the roles, responsibilities and difficulties of the school in the child's educational role, noting what the parents or guardians know about their responsibility, what is the school's responsibility, what is the responsibility of both and how they see their participation and collaboration with the school; To analyze whether during remote teaching (during the Pandemic caused by COVID-19), parents and teachers were able to dialogue about the positive and negative effects on children's education. The methodology used was the Literature Review Research, the aim of the research is to study the school-family relationship as agents of transformation and improvement in children's learning. The bibliographic search was restricted by studies from 2001 to 2021, through Google Scholar, books on the Google website, Virtual Library of higher education institutions, academic articles published in scientific journals published on the internet, bank of dissertation monographs and doctoral theses . The analysis method was the qualitative approach. The work was organized into three chapters: In chapter I, there is a brief contextualization about the reflections of the historicity of the family and the school in the child's life, with an emphasis on the Brazilian family. In Chapter II, the objective of presenting a pedagogical approach to affective conflicts is to understand the emotional factors, positive and negative points of an environment, analyzing their influences, from the first sensations to the full development of a personality. The third and last chapter reflects the importance of family involvement in school, reflecting how a change in behavior impacts the educational environment (family, child, school). In the final considerations, a reflection of the learning generated by the study is made, both in the preparation of the material and in the execution of the writing.

Keywords: school/family relationship, educational process and learning development.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
CAPÍTULO I: ESCOLA E A FAMÍLIA SUA HISTORICIDADE NA VIDA DA CRIANÇA	13
1.1 A família brasileira ao longo da história.....	16
1.2 Histórico da família e escola	19
CAPÍTULO II: A ABORDAGEM PEDAGÓGICA NOS CONFLITOS AFETIVOS.....	22
2.1 A família e o ajustamento emocional durante o período de conflito.....	23
2.2 Contexto familiar e aprendizado emocional.....	26
2.3 Fatores emocionais	26
2.4 A emoção em sala de aula	28
CAPÍTULO III: A IMPORTÂNCIA DO ENVOLVIMENTO DA FAMÍLIA NA ESCOLA.....	30
3.1 Processos de ensino aprendizagem	31
3.2 A proposta de mudança e relacionamento entre escola e família	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS.....	37

INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea passa por mudanças e a maneira que essas recaem e altera a estrutura da família e da escola, refletindo claramente no comportamento da criança, podendo atrapalhar todo processo inicial educativo da criança. Dessa forma, o que a escola precisa fazer para mostrar que é um espaço de diálogo aberto, que oferece uma preparação curricular descentralizada, mas que só ela não é capaz de mediar o desenvolvimento biopsicossocial e comportamental da criança, sendo imprescindível a participação e presença efetiva da família no processo educativo da criança.

É costume dizer que cabe à família educar e a escola ensinar. Dividindo assim as tarefas, ou seja, à família ficaria responsável pelo desenvolvimento psicossocial do seu filho. E a escola, detentora do saber científico, caberia a função de fornecer esse conhecimento científico para criança, a fim de, sobressair futuramente diante a sociedade e a da cultura vigente.

Mas o que vivenciamos é o oposto, tanto a escola como a família têm jogado um sobre o outro suas responsabilidades (PICANÇO, 2012). Professores culpam os pais de não educar e não ajudar, mandam seus filhos para escola, deixando de participar na vida escolar deles. Já os pais, julgam os professores como despreparados e que a direção escolar não faz nada para mudar a situação.

De certa forma não há como culpá-los ou responsabilizá-los, pois a sociedade também sofre com as mudanças. Quando afetam também a relação da família com a escola acaba por refletir no comportamento da criança as suas consequências (LOUREIRO, 2017). Durante o ano de 2019 até o presente momento o mundo atravessa uma grave crise sanitária, devido a situação de Pandemia provocada pelo COVID-19. Trazendo como consequência a suspensão das aulas presenciais, resultados da medida sanitária do distanciamento social, fechou escolas, creches, comércios, serviços. Obrigado a todos que se ajustarem a uma realidade incomum, inclusive professores, pais e alunos. Dessa forma o ensino remoto, foi o meio onde pais, alunos e professores precisaram se adaptar para dar continuidade ao ensino, agora não presencial. Em casa com auxílio da internet, as ferramentas tecnológicas de informação e comunicação, pais e professores estiveram -

quem sabe remotamente - mais próximos na educação de suas crianças. Por isso é defendido aqui a necessidade dar continuidade ao tema escola-família, analisando como o altera o comportamento dos envolvidos, investigando alternativas para fortalecer a relação família-escola.

No contexto histórico da educação brasileira, a relação entre a escola e a família, não é tão fortalecida como deveria. A hipótese de que o desinteresse das famílias na vida escolar de seus filhos poderá prejudicar no desempenho global da criança, podendo inclusive afetá-lo, futuramente, como indivíduos adultos. A maioria dos resultados recaem na forma como os pais acompanham seus filhos durante a vida escolar. Há participação mas não como deveriam. Com a justificativa de terem outros compromissos, ou estar doente, ou horários conflitantes, acabam entregando toda responsabilidade de educar para os professores. Mesmo em momentos de integração com vivências extracurriculares os pais não vão voluntariamente. E mesmo em eventos do calendário escolar como feiras, peças teatrais, oficinas ou comemorações em que seus filhos estão envolvidos é necessário que os pais sejam lembrados e convocados pela escola. Muitos familiares não percebem como é significativo para a criança atenção e apoio dos familiares PIKANÇO, 2012).

Não seria um grande equívoco essa divisão de que cabe só escola a educação formal (cultural e curricular) e a família a educação informal (valores morais e crenças)? Se isso for verdade, seria um erro dizer que o processo de aprendizagem é um movimento constante e acontece em todos os lugares e de diferentes meios? E com isso romper com as principais teorias do desenvolvimento, as quais fundamentam grande parte das ações pedagógicas.

Essas questões repercutem em todo processo de ensino-aprendizagem escolar, são paradigmas que precisam ser rompidos, não cabe mais essa visão cartesiana de separação. Sendo necessários que pais e os professores se ajudem, porque temos de um lado o professor envolvidos em inúmeros problemas devido o ensino em massa, pouco reconhecimento da profissão e falta de apoio da comunidade. Já do outro lado, os pais, passando por situações de divórcio, desemprego, conflitos familiares e problemas com filhos. Tudo isso reflete na qualidade da Educação que a criança recebe e demonstra (LOUREIRO, 2017).

Ficando assim, perguntas inquietantes acerca de problemas, no contexto educativo que recaem na qualidade da aprendizagem infantil oferecida por seus responsáveis - em

particular escola e família - e que são importantes para este projeto de pesquisa: O que a escola precisa fazer para mostrar que é um espaço de diálogo aberto, que oferece uma preparação curricular descentralizada, mas que só ela não é capaz de mediar o desenvolvimento biopsicossocial e comportamental da criança, sendo imprescindível a participação e presença efetiva da família no processo educativo da criança?

Objetivo geral do presente trabalho é mostrar através de uma análise da relação escola - família contemporânea, busca por aspectos que a escola pode integrar para gerar importância na relação e no processo educativo da criança, bem como investigar se o uso de ferramentas de tecnologia de informação e comunicação podem aproximar escola e família de forma democrática, participativa e constante.

Para analisar como a escola poderá integrar ações para ter uma maior participação dos pais no processo educativo das crianças é imprescindível observar em específico como essa relação é construída e sustentada pelas mudanças contemporâneas nos últimos 21 anos. Logo, os objetivos específicos deste estudo são:

Evidenciar como as mudanças sociais contemporâneas dos últimos 20 anos tem afetado na estrutura familiar e como essa família influencia na forma como a criança aprende; Atribuir quais são as funções, responsabilidades e dificuldade da escola no papel educativo da criança, observando o que os pais ou responsáveis, sabem sobre que é responsabilidade deles, o que é responsabilidade da escola, o que é responsabilidade dos dois e como ele enxerga sua participação e colaboração com a escola; Analisar se durante o ensino remoto (durante a Pandemia provocada pela COVID-19), pais e professores puderam dialogar sobre os efeitos positivos e negativos na educação das crianças.

A metodologia do estudo seguiu os critérios de ser uma Pesquisa de Revisão Bibliográfica, cuja busca foi para esclarecer os fatos que contribuem para afirmar se a relação escola-família é responsável pelo sucesso do processo educativo das crianças. O alvo da pesquisa são estudos sobre a relação escola-família como agentes de transformação e melhoria no aprendizado das crianças.

Como estratégia de coleta foi realizada busca bibliográfica e documental, cujo tempo de pesquisa escolhido será de 2001 até 2021, o meio de coleta foi pelo Google Acadêmico, livros no site do Google, Biblioteca Virtual de instituições de ensino superior, artigos acadêmicos publicados em revistas científica veiculadas pela internet, banco de monografia de dissertação e teses de doutorado.

Para analisar o material foi escolhida a abordagem qualitativa. De modo a preservar a qualidade da fonte de pesquisa, definida por critérios de seleção e valorizar a natureza descritiva do fenômeno que é a relação escola-família.

A estrutura textual deste trabalho foi organizada da seguinte maneira: na Introdução, é apresentado o tema do estudo, a justificativa, a opinião dos autores que sustentam a hipótese, os objetivos (geral e específicos) e a metodologia do estudo. No capítulo I, consta uma breve contextualização acerca dos reflexos da historicidade da família e a escola na vida da criança, com ênfase na família brasileira. Já no capítulo II, objetivo de apresentar abordagem pedagógica nos conflitos afetivos é trilhar um entendimento dos fatores emocionais, de pontos positivos e negativos de um ambiente analisando suas influências, desde as primeiras sensações até o pleno desenvolvimento de uma personalidade. O terceiro e último capítulo, traduz a importância do envolvimento da família na escola, refletindo como uma mudança no comportamento impacta no ambiente educacional (família, criança, escola). Nas considerações finais, é feita uma reflexão do aprendizado gerado pelo estudo, tanto na elaboração do material quanto na execução da escrita. Por último, é disponibilizado para consulta todo referencial bibliográfico.

CAPÍTULO I

A ESCOLA E A FAMÍLIA SUA HISTORICIDADE NA VIDA DA CRIANÇA

A relação entre a escola e a família é, sobretudo nos dias de hoje, uma das mais palpitantes questões discutidas por pesquisadores e/ou gestores dos sistemas e unidades de ensino em quase todo o mundo (FILHO, 2000, p.1). O autor revela que a mais de 21 anos, já existia um número expressivo de publicações e pesquisas sobre a relação escola-família. Mas as mudanças na sociedade geram preocupação, seja para gestores de simples unidades escolares, até as mais complexas redes nacionais de ensino.

O elevado número de estudos e os relatos dos professores, gestores escolares e de outros funcionários que trabalham nas escolas, apontam para existências oscilações na intensidade da relação de escolas e famílias, com possíveis ligações à fatores como: estrutura tradicional e percepções da família acerca da escolarização, fatores sociais de classe, local onde mora, ocupação dos pais, número de filhos, divórcios, etc. Outro problema é o modo utópico que professores e gestores esperam da relação em destaque. Na visão de Filho (2000, p. 1), tanto gestores escolares e professores nutrem, insistentemente, "a ilusão de uma maior participação dos pais na escola, que seria resultado de uma ação formativa da escola em relação à família". É um erro colocar a escola como elo, por si, capaz de intervir no problema, sem questionar o "lugar construído para a escola e pela escola" em relação à família (FILHO, 2000).

O termo família, surgiu em Roma, nos primórdios, deriva do latim *famulus* e significa "escravo doméstico". Dessa maneira era usado para especificar as tribos latinas (eram um novo grupo social entre as tribos), introduzidas na agricultura, mas que se submetiam à "escravidão legalizada".

A definição de família no direito clássico romano estava ligada à ideia de "família natural". Ou seja, significava valores, que esta família era baseada no casamento e pelo vínculo de sangue. Isso porque, na Idade Média, era predominante a estrutura familiar

patriarcal, formada por laços matrimoniais, junto com sua descendência (filhos) tinham duas outras famílias, a paterna e a materna.

Tempos depois, no período que marcava as consequências da Revolução Industrial, surgem movimentos migratórios em busca de oportunidades ao redor dos pólos industriais. Com isso, começa haver um distanciamento entre as famílias, estreitamento dos laços e já se falavam em pequenas famílias (PICANÇO, 2012):

A família tem vindo a ser transformada através dos tempos, acompanhando as mudanças religiosas, económicas e sócio-culturais do contexto em que se encontram inseridas. Este é um espaço sócio-cultural que vem a ser continuamente renovado e reconstruído (PICANÇO, 2012, p.8).

Percebe-se que são diferentes situações que mexeram e até hoje mexem com a dinâmica familiar. Na perspectiva da sociologia, desde 1960, ganhava espaço às discussões que corroboram para a importância da família na educação, referenciadas de diversas formas no interior de textos e explorando subtemas. Porém, desde esse período a relação entre escola e família é sempre assimilada "às mudanças sociais em curso, à vida na cidade e à necessidade do concurso de ambas para a formação do cidadão-trabalhador, higiênico e ordeiro" (FILHO, 2000, p.2).

A relação familiar e seus laços formados já no início do desenvolvimento humano, são assuntos bem explorados, porém há poucos estudos científicos dedicados à compreensão sistemática da relação que a família estabelece com a escola. Logo, nas áreas humanas, as que mais valorizam o tema, em tratando de desenvolvimento humano, é a psicologia. Seja no ambiente da família ou no campo da psicologia do desenvolvimento da aprendizagem, mas não em aspectos de "relação", seja de intervenção ou colaboração entre estes dois contextos. Reafirmando, que são poucas pesquisas científicas que estabelecem uma investigação do cotidiano entre a família e a escola (OLIVEIRA; MARINHO-ARAÚJO, 2010).

Mas o porquê da preocupação com a ampliação do tema, nas diversas áreas humanas, biológicas, saúde, econômicas, políticas entre outras, se dá por sua complexidade. Pois, a relação de construção que a família exerce junto à seus membros é complexa, exigente e necessita responsabilidade. O desempenho cobrado da organização familiar é, por vezes, superior ao que estão preparadas para fazê-lo. De modo que o seu "território" passa a ser "invadido" principalmente, pelo sistema escolar.

Acontece que a "invasão" é justificada por uma preocupação com o desenvolvimento da criança no todo, em outras áreas do conhecimento e não só no campo cognitivo. Como há uma tendência ao controle do pai e da mãe sobre a vida de seus agregados, a escola de certo modo, retira gradativamente da família o poder intervenção nas escolhas da criança (PICANÇO, 2012). E nos argumentos de Filho (2000), isso pode acontecer porque, na visão da escola, a ação educativa da família deve ser complementar e subordinada à escola. Pois, desconfia-se da competência da família para educar, seja por que a família não consegue de fato educar os seus filhos mais ou porque não se interessa em participar da escola.

Para o entendimento das competências necessárias para educar, vejamos o que vem a ser essa ação. Guzzo (1990 apud OLIVEIRA; MARINHO-ARAÚJO, 2010) diz que a palavra educar tem significado semelhante ao ato de promover e assegurar o desenvolvimento de capacidades físicas, intelectuais e esta é, primeiro, responsabilidade dos pais. Mas, que de certa forma, passou a ter estreita relação com a escola. E que não configura uma relação de dependência, porque, há diferença da educação escolar e a educação que ocorre fora da escola.

Teoricamente, a escola é uma instituição cuja função é a socialização do saber sistematizado, do conhecimento elaborado e da cultura erudita. Logo, a contribuição da escola para o desenvolvimento do sujeito é de fornecer saber culturalmente organizado nas diversas áreas do conhecimento. E do outro lado, a família, fica responsável pela socialização da criança, por promover sua inclusão, ensinar a língua materna e cuidar das regras de convivência em grupo e de colaboração com a escola (OLIVEIRA; MARINHO-ARAÚJO, 2010).

Na visão social, o estabelecimento das relações família-escola está condicionado a fatores ambientais e culturais. Mas quando colocada em destaque a educação e a classe social é possível prever um conflito socializador de interesses da escola (valores coletivos) em relação à educação doméstica (valores individuais). Há uma tendência de culpabilização.

Oliveira e Marinho - Araujo (2010):ressalta para essa tendência quando não é possível atingir determinados objetivos padronizados pela escola, julgam as famílias, considerando-as responsáveis e porque não se enquadram no modelo desejado pela escola. E que, para o bom funcionamento da escola, as famílias devem adotar no seu meio, as mesmas estratégias de socialização utilizadas pela equipe pedagógica.

Por outro lado, no aspecto emocional e afetivo - o enfoque psicológico - deixa de ser função da escola, tornando responsabilidade da família ser a referência de vida da criança. Porque inevitavelmente, essa referência, por vezes, será utilizada para manter certa ligação até entre o rendimento escolar do aluno e sua dinâmica familiar e, dependendo disso, pode vir até colocar a família no lugar de desqualificada. A partir dessa visão, é possível entender o que deu início e está por trás das intenções de aproximação da família e escola.

Trata-se de uma estratégia socializadora de colonização das famílias pela escola? Logo, como educar nas escolas se os pais dos alunos são mal educados? Por quê, qualquer tentativa de educar seus filhos pode gerar atrito com os pais e parente? Para tentar solucionar essas questões são criadas condições e legislações que incentivem a aproximação das famílias na educação escolar. Como uma espécie de garantia, quando a escola rompe padrões ao permitir a participação da família, esta poderia produzir uma educação indireta dos pais (FILHO, 2000). Analisando a situação como estratégia, nos estudos de Picanço (2012) como em Oliveira e Marinho - Araujo (2010) é frequente relatos em que professores e diretores sentem-se invadidos com a presença dos pais, por não participarem em sistema de colaboração, mas de cobrança, e que não entendem do processo de ensino-aprendizagem.

1.1 A Família brasileira ao longo da história

O estudo da família brasileira está vinculado a dois posicionamentos conceituais específicos: um primeiro que projeta – se a partir do modelo patriarcal como sendo um modelo a – histórico de família brasileira; e um segundo onde este modelo é revisto (TERUYA, 2000, p.02).

Ao analisar o contexto da família brasileira, observamos que no modelo patriarcal, o pai era o chefe da família, com total autoridade, somente a ele cabia todas as decisões e vontades sobre seus familiares, onde suas vontades era o que importava. Segundo Teruya (2000) a família patriarcal era bastante numerosa, composta do núcleo conjugal, de seus filhos e também de vários criados, parentes, filhos fora do casamento, e agregados e escravos que submetiam se ao poder absoluto do pai, marido chefe, patriarca, ele era o Senhor dono de todo o clã, era ele o dono de tudo e de todos.

O modelo de família patriarcal pode ser assim descrito: um extenso grupo composto pelo núcleo conjugal e sua prole legítima, ao que se incorporavam parentes, afilhados, agregados, escravos e até mesmo concubina e bastardos todos obrigados sob o mesmo domínio, na casa grande e senzala, sob a autoridade do patriarca, dono das riquezas, da terra, dos escravos e do mando político (TERUYA, 2000, p.4).

A autora, remete a interpretação do contexto histórico, define bem a família patriarcal, onde o pai era o senhor, "dono absoluto de tudo" e que todos dependiam de sua proteção, sendo obrigados a prestar-lhe respeito, gratidão e obediência. Inclusive os agregados viviam debaixo do seu mando. O patriarca, impunha as regras que incluía todos seus familiares, principalmente os filhos com outras mulheres, suas concubinas (amantes). Dessa forma, até os criados, parentes e afilhados, todos que viviam próximos e se dependessem de seus favores, tinham que obedecer.

A função desse homem como esposo e chefe familiar, era de prover as condições de sustento a todos os seus dependentes, bem como proteger a família. Só esse patriarca administrava e tinha em seu poder todos os bens e seus familiares. Era o chefe das fazendas e de todos os escravos. Porém, essa figura dominadora vivia nas Tabernas, tinha uma vida social bastante agitada e ativa, uma forte influência e participação na política, com poderes plenos sobre os seus subalternos.

Ariès (1981), relata que esse homem tinha todos os poderes sobre: a mulher, os filhos legítimos, os bastardos e também sobre os netos. Conseqüentemente, nesse ambiente onde todos são controlado, a comunicação e as trocas afetivas eram vividas fora de casa:

[...] As trocas afetivas de comunicações sociais eram realizadas, por tanto fora da família, num "meio" muito denso e quente, composto de vizinhos, amigos, amos e criados, crianças e velhos, mulheres e homens em que a inclinação só podia manifestar mais livremente (ARIÈS, 1981, p.11).

A comunicação era bem restrita nesse tipo de ambiente familiar. Era comum conversarem com as outras pessoas fora de seu núcleo familiar, ou seja, conversavam bastante no convívio em sociedade, ficavam horas fora de casa conversando e ouvindo histórias. Mas com a família pouco se falava e com os filhos menos ainda. Lá fora, na comunidade se sentiam livres para expressarem seus sentimentos e palavras. Aproveitavam as festividades religiosas para conversar e a se informar sobre os assuntos que lhes interessavam.

A família patriarcal tem sua origem na idade média, com o desenvolvimento da agricultura, cujos valores familiares eram contraditórios, pois viviam em regime poligâmico. Nesse caso, um só homem poderia ter várias mulheres, em lugares diferentes, inclusive esses locais eram chamados de gineceus ou haréns, onde ficavam à espera de seus donos.

A família monogâmica veio da civilização Ocidental, suas origens traz a ideia de posse onde era exigida o reconhecimento dos filhos e a transferência dos bens era hereditária.

Até o século XV, a família era uma realidade moral e social, mas do que sentimental [...] A existência do sentimento era algo em que não se dava a menor importância. Nas famílias menos favorecidas era ainda pior, nas famílias de maior poder aquisitivo havia muita ambição (ARIÈS, 1981, p.12).

As famílias se importavam mais com as funções políticas, econômicas, com o trabalho, principalmente, se preocupavam mais com a conservação dos bens do que na geração de filhos. Portanto, que o afeto, até nesse modelo familiar continua sendo algo sem importância, inclusive os irmãos mais velhos que ajudaram a cuidar dos filhos mais novos como forma de sobrevivência.

Ainda no sistema patriarcal, desenvolveu-se a primogenitura, em que o filho mais velho herdava todas as terras do patriarca. Caso a família fosse composta de mais filhos, estes eram encaminhados aos estudos para se formarem médicos, advogados ou padres caso sua formação fosse religiosa (COTRIM, 2005, p. 54, apud ALVES, 2009, p.3).

A valorização do primeiro filho era evidente, ele era o único herdeiro. Somente ele herdava todas as terras e bens da família, enquanto os outros filhos não eram considerados herdeiros. O primogênito cuidava de tudo na fazenda e de todos os bens da família, seria o sucessor de seu pai. Os outros irmãos iam para a cidade para se formarem na Faculdade e terem uma profissão de destaque na sociedade. As filhas eram encaminhadas para os conventos para aprenderem a ler, a escrever, a bordar e cantar antes de se casarem. Se não se casasse, receberia um dote em dinheiro, escravos ou bens que iria para o marido e se não se casasse continuaria no convento se dedicando à religião, e este recebia todos os seus bens (ALVES, 2009).

Outro ponto importante na sociedade colonial era a realidade das famílias negras. Devido a maioria negra serem escravos e viviam em senzalas, o número de homens era maior em relação ao de mulheres nesse local, havia disputas e muitas famílias eram concebidas de

forma violenta. Segundo Alves (2009, p. 3), mesmo que houvesse escravos de diversos grupos étnicos africanos, era dada prioridade por pessoas da mesma etnia. Os escravos, portanto, se casavam nas senzalas. Mas nas cidades, negros "alforriados" que viviam como empregados assalariados, também se casavam não só com outro negro. Porém, em muitos casos, casais negros deixavam seus filhos com os patrões para serem criados, devido às péssimas condições socioeconômicas que enfrentavam.

De acordo com Alves (2009), no período colonial a política econômica de Portugal possibilitou e muito a organização da família brasileira, com interesse lucrativos, incentivava o aumento das taxas de natalidade. A estratégia mercantilista via no aumento populacional, o crescimento do número consumidores, logo, os senhores rurais produziam mais e lucravam mais. Já a coroa portuguesa, visando o lucro fácil e rápido, praticamente sem investimentos, só arrecadando impostos, rapidamente instituiu nova ordem social e também econômica para resolver eventuais problemas com a legalidade. Ou seja, o novo governo queria mão-de-obra seja homem ou mulher.

Já o indígena, a primeira população brasileira, tinha por si uma facilidade em agregar novas pessoas à sua tribo, despertou no astuto português a oportunidade de se aproximar, e entrar na família indígena através do casamento.

A ideia que prevalece até aqui é a de família patriarcal. Este tipo de estrutura familiar é composta apenas pelo núcleo principal representado pelo chefe da família (pai), sua esposa e os seus descendentes legítimos de acordo com Freire (1933) apud ALVES (2009):

[...] a unidade da família devia ser preservada a todo custo, e, por isso, eram comuns os casamentos entre parentes. A fortuna do clã e suas propriedades se mantinham assim indivisíveis sob a chefia do patriarca (Freire, 1933.p.57 apud ALVES, 2009).

Porém, foi deixado por último e não propositalmente, mas para sustentar o erro histórico do papel da mulher nos séculos de patriarcado. Samara (2002), realizou um estudo observando o que mudou na família brasileira, da época colonial até a atualidade e segundo autora, um dos maiores exageros é os que "colocam o estereótipo do marido dominador e da mulher submissa". O que os historiadores não contavam é que existiam entre as mulheres, "variações de comportamento de acordo com os diferentes níveis sociais das mulheres". Ou

seja, é da natureza do sistema patriarcal a divisão de tarefas entre o marido e a esposa. Como a natureza feminina é do cuidar, isso lhes permite condições para a afirmação da sua personalidade e exercendo sua influência direta junto à família. Porém, existiram situações em que a esposa torna-se a chefe domiciliar, por morte do marido vê-se detentora dos bens e posses, tomando inclusive a administração de tudo, no entanto, responde juridicamente o encargo.

A história das primeiras famílias brasileiras, segundo Samara (2002) é o resultado da vinda da família portuguesa, implantada e adaptada ao ambiente brasileiro colonial, tendo suas normas, costumes e tradições familiares influenciadas pela sociedade europeia que por fim, resultou em um modelo familiar com características patriarcais e tendências conservadoras em sua essência.

1.2 Histórico da família e escola

A educação tem um papel fundamental na produção e reprodução cultural e social e começa no lar/família, lugar da reprodução física e psíquica cotidiana, cuidado do corpo, higiene, alimentação, descanso, afeto, que constituem as condições básicas de toda a vida social e produtiva. Como processo de socialização, a educação tem duas dimensões: social, transmissão de uma herança cultural às novas gerações através do trabalho de várias instituições; e individual, formação de disposições e visões, aquisição de conhecimentos, habilidades e valores. A dimensão individual é subordinada à social no contexto de interesses objetivos e relações de poder, neste caso baseadas na categoria idade-geração, seja na família, seja na escola.

Antes do surgimento da escola como um lugar separado e especializado de educação formal, as crianças e jovens educavam-se na família e na comunidade, inclusive pela participação nas práticas produtivas e rituais coletivos. A educação como transmissão cultural distinguia-se em popular (oral e prática) e erudita (letrada, formal, sinônimo de cultura), sendo esta última reservada às elites, em casa com mestres e mestras residentes, ou em colégios internos.

Nas sociedades ditas primitivas, a educação das crianças era uma tarefa comunitária, informal e imersa na vida prática, como ainda ocorre hoje em áreas rurais e urbanas das regiões pobres do mundo. Na Europa pré-moderna, as crianças eram criadas por outros adultos que não os pais biológicos. A educação formal, sinal de distinção cultural e de classe, era exclusiva dos que tinham nascido no ápice da escala social.

As maneiras de transmitir valores, sentimentos, disposições, conhecimentos e habilidades socialmente valorizados (o currículo) têm variado em relação à organização e práticas (onde, quando, como, por quanto tempo), conteúdos (quais os saberes que se devem tornar hábitos, habilidades, matérias escolares), agências e agentes encarregados (quem é responsável pela organização e ensino) e sujeitos alvo (de acordo com categorias como idade, sexo, classe e raça).

Mulheres, pessoas pobres, negras e indígenas foram por muito tempo excluídas da escola, ou tiveram acesso a escolas e currículos diferenciados. A educação escolar tornou-se o modo de educação predominante nas sociedades modernas, democráticas, a partir da escolarização compulsória em fins do século XIX, com uma organização específica: currículo seriado, sistema de avaliação, níveis, diplomas, professores, professoras e outros profissionais especializados.

Entretanto, como um processo multifacetado de aprendizagem e desenvolvimento humano pela experiência e participação nas várias práticas e espaços sociais ao longo de toda a vida, a educação deve ser distinguida da escolarização. De acordo com o Ministério da Educação:

O fato de a educação ter se tornado sinônimo de escola é um fenômeno histórico, todavia, não se deve esquecer que a educação informal (por exemplo, pela televisão, da participação em grupos) tem um papel importante e ocorre também na escola, dentro e fora da sala de aula no contexto do currículo em ação e do currículo oculto (Brasil, 2001, p. 38).

Na modernidade capitalista, nas sociedades urbano-industriais, a educação e a família se diferenciam e se especializam. A transformação do modo de produção econômica precipitou drásticas mudanças na vida familiar, com a transferência da produção e controle econômico do domicílio para as fábricas e os mercados, e no modo de educação, com a organização do sistema educacional tal como o conhecemos, com seu corpo de profissionais.

A constituição da escola moderna está relacionada à emergência das classes médias, desde o momento em que a burguesia passou a se utilizar da educação formal como sinal de distinção, identificando-se com a aristocracia e distanciando-se das classes baixas. As famílias burguesas não podiam sustentar o tipo de domicílio multifuncional das elites, que provia a educação dos filhos por professores particulares residentes, e criaram as escolas-internatos, que proviam educação coletiva aos filhos de várias famílias num local público, tal como se deu nos séculos XVI e XVII na Inglaterra, onde até hoje escola pública significa o que denominamos escola particular, e não escola do Estado.

As escolas, lugar da educação pública (em contraste com a educação doméstica), foram encarregadas da reprodução da cultura letrada (dominante), dos valores sociopolíticos e da qualificação para o trabalho, assumindo as funções econômicas e ideológicas.

Gradualmente, à medida que os núcleos familiares iam se dispersando, os pais e as mães passaram a trabalhar fora de casa, num movimento que reduzia suas funções reprodutivas culturais e sociais, a escolarização cresceu como um modo sistemático e especializado de educação, e tornou-se o contexto central do desenvolvimento individual das crianças e jovens, assumindo posteriormente funções sociais e emocionais adicionais.

CAPÍTULO II

A ABORDAGEM PEDAGÓGICA NOS CONFLITOS AFETIVOS

Torna-se cada vez maior a preocupação dos pais em acertar na educação dos filhos. Muitas vezes aqueles se perguntam onde foi que erraram para que o filho tivesse a dificuldade que hoje tem. Mais do que responsáveis pela qualidade de vida, os pais são construtores do aparelho psíquico dos seus filhos. Nascendo numa condição de total incompletude, o ser humano depende totalmente dos adultos que estão à sua volta, especialmente de seus pais ou daqueles que fazem função paterna e materna. Embora trazendo uma carga genética que também interfere no seu destino, o fator genético será menos influente, quanto mais influente for a educação (BOSSA, 1988 apud GONÇALVES 2002).

A aprendizagem humana envolve uma relação sujeito-objeto. O sujeito que nasce como um ser biológico, logo se constitui como um sujeito psicológico. A evolução normal das funções egóicas (atenção, memória, pensamento, juízo, percepção, linguagem, motricidade, afetividade) dependem das condições externas, mais especificamente da relação mãe-bebê, uma vez que uma comunicação especial se estabelece nessa relação desde os primeiros momentos da vida do bebê. No entanto, as primeiras experiências do bebê têm um significado muito característico:

As primeiras experiências educacionais da criança, geralmente são proporcionadas pela família. Através das influências familiares, vai-se paulatinamente moldando seu comportamento. Os pais o fazem, na maioria das vezes, de modo inconsciente. Os resultados esperados, quando se quer influenciar de modo consciente e deliberado, nem sempre acontecem. O que é ensinado inconscientemente tende a permanecer por mais tempo (PILETTI, 1984, p. 276).

O autor considera de fundamental importância para o desenvolvimento posterior da criança e para sua aprendizagem escolar, os sentimentos que os pais nutrem por ela durante os anos anteriores à escola. Tais sentimentos contribuem para o desenvolvimento do conceito de si próprio (o autoconceito), o conceito do mundo e de seu lugar no mundo. Considera o

autoconceito como base de toda aprendizagem, pois se a criança julga-se capaz de aprender, aprenderá muito mais do que se ela nutrir sentimento de incapacidade.

Mesmo as influências familiares sendo relevantes no desenvolvimento da criança. Quando as expectativas familiares e as do grupo de fora da família se chocarem, a criança conhecerá um conflito. Se sua identificação com os pais for sólida, dificilmente adotará valores contrários aos deles; porém, se for tênue sua identificação com os pais, ou, se a pressão do grupo de fora for grande, é possível que adote valores defendidos por este (MUSSEN, 1970 apud GONÇALVES, 2002). Portanto, a família é considerada:

A garantia de sobrevivência física de seus membros e ressaltam que é dentro dela que se realizam as experiências básicas que serão imprescindíveis para o desenvolvimento autônomo dentro da sociedade (aprendizagem do sistema de valores, da linguagem, do controle de impulsividade, etc.) (MORENO; CUBERO, 1995, p. 198)

Os referidos autores discorrem sobre diferentes estilos de comportamento dos pais e consequentes efeitos sobre o desenvolvimento social e da personalidade da criança. Logo, o conjunto de "experiências básicas" são "absorvidos", moldando a estrutura psicológica da criança e refletindo conforme o meio de como ela recebeu essa bagagem, ou seja, por meio de recompensas, castigo, observação, entre outros.

Há um certo poder na família, não absoluto, nem infinito, mas que é característico do convívio. Quando a criança nasce, certas características podem ao menos estar parcialmente definidas como por exemplo, sua saúde ou temperamento infantil e também os contextos socializadores, como escola e colegas. Contudo, esses dois aspectos e paralelamente à ação dos pais, influenciam no comportamento da criança seja em maior ou menor grau.

Porém, a família também é influenciada por uma série de fatores determinantes de seu funcionamento, por exemplo, situação socioeconômica dos pais. Esse assunto será melhor discutido no próximo tópico.

2.1 Família e ajustamento emocional durante períodos de conflitos

Até o século XV, a família era uma realidade moral e social, mais do que sentimental (...) A existência do sentimento era algo em que não se dava a menor

importância. Nas famílias menos favorecidas era ainda pior, nas famílias de maior poder aquisitivo havia muita ambição (BERNARDI, 2014).

No passado as pessoas não faziam ideia da importância do valor sentimental. Estudos clínicos revelam que a atmosfera familiar também está relacionada com o ajustamento emocional. Se for intenção estudar os processos de interação familiar e sua influência sobre a criança, não é suficiente restringirmos à análise superficial; é necessário estabelecer o conjunto total de relações que se dá entre os diferentes membros da família (pai, mãe, irmãos). Visto que, Silva (2013), assevera que os atritos entre pai e mãe constituem o antecedente mais comum dos desajustamentos emocionais nos filhos.

As tensões entre os pais muitas vezes envolvem dificuldades sexuais, falta de consideração ou de cooperação, saúde frágil, conflitos sobre amigos ou parentes, e qualquer desses motivos pode impedir o estabelecimento de relações descontraídas e felizes entre pais e filhos (SILVA, 2013, n.p).

Um ambiente movido por determinadas ausências, torna-se difícil para a criança assimilar/aprender reações emocionalmente maduras e adaptadas. Além dos efeitos diretos que a atuação do pai e da mãe têm sobre a criança, é necessário considerar-se os efeitos de segunda ordem ou indiretos, quando existe uma terceira pessoa. Ou seja, aqueles processos através dos quais a terceira pessoa influi sobre a outra; exemplificando: "o pai pode afetar positiva ou negativamente a interação que a mãe tem com o seu filho e, conseqüentemente, o desenvolvimento deste, em função da relação emocional que mantém com sua mulher" (SILVA, 2013, n.p)

Drouet (1995) apud Gonçalves (2002), constata que o relacionamento entre pais e filhos depende muito do clima emocional que se estabelece em um lar. Foi constatado por Silva (2013) que a harmonia entre o casal é, por si, um aliado fortalecedor, capaz de mediar um clima emocional equilibrado, onde há tratamento igual dispensado a todos os filhos.

Celidonio (1998) apud Gonçalves (2002), afirma que muitas crianças que poderiam ter um relacionamento sadio, não são valorizadas e muitas vezes até são desprezadas porque diferem daquilo que delas esperavam seus pais. Daí surgirem grandes conflitos e por parte dos pais, sentimentos de decepção e fracasso diante da inutilidade de tanto esforço.

A escola, no entanto, poderá contribuir, e muito, no sentido de promover mudanças nos alunos considerados antes desacreditados pelos pais, e estes mesmos, através da

interação filho-escola, de alguma forma, conseguem também modificar seu comportamento, percebendo e respeitando as características reais de seu filho, a partir do momento em que este é valorizado pela equipe da escola que o assiste diariamente.

Para Mussen (1970) apud Gonçalves (2002), e outros, a influência do lar é sumamente importante para o crescimento emocional da criança, dada a importância das primeiras experiências. Se estas forem saudáveis, a criança terá segurança, fará uma avaliação realista do seu valor, de suas forças e de suas limitações. Aceitará a si mesma pelo que é, e estando livre de angústia, poderá empregar construtivamente suas energias a fim de solucionar problemas.

Mouly (1979) apud Gonçalves (2002), atribui à primeira infância, a fase da criação da segurança emocional. A criança precisa ser educada num ambiente emocionalmente estável e consistente, com estabilidade e capacidade para a aceitação e o amor incondicionais. Para os autores, só sob tais condições, a criança poderá expressar seus sentimentos livre de culpas e medos, de forma que não exista necessidade de fuga, repressão, hostilidade ou ressentimento. Quanto mais jovem a criança, maior sua necessidade de segurança.

A importância da segurança emocional fez com que se desse grande atenção à posição do lar. Logo, Silva (2013) aponta que os desajustamentos emocionais nas crianças podem ter diversas causas, as mais observadas em seu estudo sobre "Influência do meio familiar na aprendizagem da Criança: para uma contribuição para a psicopedagogia" foram:

- Nascimento de um novo membro da família, causando ressentimento, tensões, excitação, que o adulto considera desproporcionais;
- Perturbações físicas, como a doença e a perda de um membro da família, por morte;
- Atrito entre os pais pode ser traumatizante (perturbação passageira, curta ou de natureza crônica) e trazer insegurança à criança;
- Quando há separação dos pais as crianças apresentam mais problemas de ajustamento e mais dificuldades sérias do que outras crianças;
- Disciplina severa traz ansiedade e apreensão.

Mas além das situações citadas, o nascimento de um irmão significa para a criança uma mudança em sua vida, principalmente quando é a primogênita. Tende a aumentar os

afrontamentos entre a mãe e a criança. Quando isso acontece, a criança pode apresentar todo um repertório de condutas que repentinamente tornam-se presentes ou se acentuam. Podendo manifestar em distúrbios do sono ou na alimentação, aumento excessivo dos medos, regressões na linguagem ou no controle esfíncteriano, alterando o humor, apega-se a manias e caprichos, maiores desejos de independência ou, ao contrário, de dependência, etc (SILVA, 2013, n.p). A maneira que a criança se ajustará à nova situação em relação ao novo irmão, irá não só depender do caráter da criança, mas da interação com os pais e também de outras variáveis (idade, anos de diferença entre os irmãos, sexo).

No ponto de vista de Moreno e Cubero (1995) as características de personalidade são o resultado do conjunto de experiências pelas quais os indivíduos passam ao longo de sua vida. Portanto, a experiência com os irmãos é somente uma delas, a ordem de nascimento pode ter seu efeito, mesmo não sendo o determinante fundamental.

Considerando que as tensões acumuladas na dinâmica das relações familiares, possa surgir também na escola, Celidonio (1998) apud Gonçalves (2002) diz que provavelmente será sob a forma de um problema de adaptação e/ou aprendizagem na vida escolar. Nesses casos quando a tensão emocional é grande, afeta no progresso/processo da aprendizagem a ponto de ser inibidos. A coordenação muscular pode vir enfraquecida por uma situação emocional bastante intensa, diminuindo a eficiência e sobretudo na habilidade de manipulação de objetos.

2.2 Contexto familiar e aprendizado emocional

O sorriso é parte das interações lúdicas que se estabelecem entre a mãe e o bebê. Os dois se comunicam através do olhar, do sorriso e da voz e do alinhamento do rosto e o bebê espelha o comportamento da mãe. Cada dupla desenvolve um tipo peculiar de código. As compreensões compartilhadas que se constroem entre o bebê e as suas figuras de apego, são a base para todas as interações posteriores.

Quando se utiliza o procedimento de quebra de comunicação após um período de interação, os bebês filhos de mães normais ficam muito mais perturbados que aqueles de mães depressivas. Aparentemente, os últimos se acostumaram com este padrão.

A família é um contexto importante em que as crianças aprendem sobre emoções. A expressividade e a disponibilidade emocional das figuras de apego podem ter implicações importantes para o desenvolvimento. Crescer numa família expressiva pode promover compreensão emocional e social, o que, por sua vez, pode se refletir em maior competência no relacionamento posterior com companheiros.

2.3 Fatores emocionais

A emoção pode ser definida como uma sequência complexa de reações a um estímulo. Inclui avaliações cognitivas, alterações subjetivas, ativação autonômica e neural, impulsos para a ação e comportamento destinado a ter um efeito sobre o estímulo que iniciou a sequência comportamental. Por exemplo, o medo e as reações de fuga associadas separam o indivíduo de uma fonte de perigo.

A tristeza, o choro, as expressões faciais associadas e uma postura característica (o corpo fica encolhido, fazendo o indivíduo parecer menor e mais fraco) promovem reações superativas por parte dos outros membros do grupo.

Utilizam-se vários tipos de linguagens para falar sobre emoção, dependendo dos indicadores focalizados: a) uma linguagem subjetiva, que utiliza termos como medo, raiva; b) uma linguagem comportamental, que inclui termos como fugir, morder; c) uma linguagem funcional, que descreve as reações provocadas no ambiente.

O desencadear dos processos emocionais aproxima-se do conceito e do mecanismo do estresse. Uma das características do estresse é ser uniforme e inespecífico. Isto é, a preparação do organismo será idêntica para qualquer tipo de ameaça ou agressão, independente da natureza ou do grau de perigo que representa. Na verdade, a ocorrência do estresse não requer necessariamente que haja perigo real, mas apenas uma súbita mudança, ou ameaça de mudança, no estado de equilíbrio. Desse modo, até uma boa notícia pode ser causa de estresse.

No caso dos seres humanos, o processo de estresse é basicamente o mesmo verificado em outros animais, com duas grandes diferenças: em primeiro lugar, as ameaças do mundo externo ao “eu” do indivíduo são de múltiplas origens e em sua percepção há um

forte componente subjetivo. Em segundo lugar, e não menos importante, a descarga da tensão gerada pela sensação de perigo ocorre principalmente sobre a musculatura lisa. Ou seja, diante da situação de agressão ou fuga frente a um perigo, a descarga da tensão se dará em órgãos como o estômago, intestinos, artérias, coração, etc. Assim as situações estressantes tendem a ter um potencial nocivo como causadores de doenças dependendo do tipo e da intensidade do estresse, mas, sobretudo dependerá da repetição e duração ao longo da vida e da forma como cada indivíduo lidará com estas situações.

As emoções (medo, ira ou amor e suas correlatas) são encaradas pelo organismo como uma situação anormal, de desequilíbrio e, portanto, “estressante”. As emoções são impulsos para agir, planos instantâneos para lidar com a vida.

O amor se exprime através de sentimentos afetuosos, de relaxamento, calma e satisfação, facilitando especialmente a cooperação. A surpresa é um estado emocional que permite ver mais, aumentando a quantidade de luz na retina. Assim, a pessoa pode perceber mais o que acontece conceber melhor um plano de ação.

A emoção negativa esmaga a atenção e a concentração, afetando a capacidade cognitiva. Por isso alunos ansiosos, zangados ou deprimidos não aprendem. Da mesma forma, a preocupação baixa o rendimento. Existe um ponto ideal de relacionamento entre ansiedade e desempenho. Ansiedade a menos traz apatia e pouca motivação e ansiedade demais impede o sair-se bem. A branda euforia parece estimular a criatividade e o pensamento. O humor ajuda a pensar grande, a tomar decisões e o otimismo protege da apatia, permite aprender com o fracasso.

A repressão das emoções configura-se altamente maléfica para a saúde do organismo. A maneira como os pais tratam os filhos têm consequências profundas e duradouras. Os pais emocionalmente aptos ensinam a empatia, gera confiança à medida que mostram autodomínio e controle emocional. Pais com alta inteligência emocional são mais eficientes na ajuda aos filhos, comportando-se de forma menos tensa, sendo sociáveis e simpáticos. Os filhos mostram confiança, curiosidade e prazer em aprender. Compreendem limites, são cooperativos e têm maior capacidade de comunicar-se.

2.4 A emoção na sala de aula

A relação entre a emoção e a atividade intelectual na sala de aula, mostra que tanto o professor quanto o aluno podem passar por momentos emocionais durante o processo de ensino e aprendizagem. Logo, podem ser considerados três gatilhos emocionais: medo, alegria e cólera.

O medo é a primeira emoção que exercem ações na sala de aula e pode ser demonstrado através de situações novas como responder alguma atividade, apresentar algum trabalho etc. A alegria, expressa por um estado de inquietação como também pode trazer entusiasmo para a realização das atividades. Já a cólera (ou ira) tem o poder de expor, principalmente o professor diante da classe trazendo desgastes físicos e emocionais.

Entretanto, por razões diversas, a maioria dos professores não sabem lidar com as situações emotivas de sala de aula, que podem inclusive serem imprevisíveis e atípicas. Por exemplo, considerando a atenção como algo necessário dentro da sala de aula (que de fato é), existem casos em que qualquer movimento pode significar desatenção e um professor com saúde emocional sobrecarregada, interpreta muitas vezes como indisciplina, sob ameaça de afetar na concentração dos colegas e desse professor. Acontece que as reações posturais das crianças são normalmente interpretadas equivocadamente como desatenção.

O reflexo dessa interpretação resulta na insistência pela contenção do movimento, como se sua simples eliminação pudesse assegurar a aprendizagem da criança. O que é um erro. Deve-se entender que é através dos movimentos é que são geradas as emoções como a alegria por exemplo. O estágio da alegria na criança, revela uma grande excitação motora e oportunidade para desenvolver várias atividades de expressão: teatro, dinâmicas em grupo etc., promovendo atividades que sejam facilitadoras do conhecimento.

O professor deve levar em consideração os estados emocionais no contexto de sala de aula, pois o excesso ou a falta de movimento pode revelar a presença de um estado emocional, seja ela boa ou ruim para ele e para a criança. Portanto, como educador precisa ter saúde emocional equilibrada não só em sala de aula, mas em todos os locais, pois a inteligência costuma ceder aos caprichos da emoção.

O grande desafio passa a ser educar e dominar as fronteiras entre a razão e a emoção, para que o estado emocional não atrapalhe ao exercer determinadas atividades

cognitivas. E o porquê disso? Muitas vezes os professores adotam uma postura defensiva, isso torna-o um alvo frágil e fácil do aluno atingir. E que prejudica a aproximação entre o professor e aluno e deixa-o totalmente cego diante das expressões na sala de aula. O que prejudica também a parte em a escola também é elo no desenvolvimento socioafetivo da família.

Como meio social, a escola é um ambiente diferente da família e mais propício ao seu desenvolvimento da criança, pois é diversificado, rico em interações, e permite estabelecer relações simétricas entre parceiros da mesma idade e assimetria entre adultos. Ao contrário da família, na qual a sua posição é fixa, na escola ela dispõe de uma maior mobilidade, sendo possível a diversidade de papéis e posições.

Dessa forma, o professor e os colegas são interlocutores permanentes tanto no desenvolvimento intelectual como do caráter da criança, o que poderá ser preenchido individual e socialmente, através das diversas interações, escola/família professor/aluno. Consequentemente, capazes de proporcionar experiências essenciais à construção da personalidade da criança, caracterizando-a assim como ser humano, como sujeito do conhecimento e do afeto, possibilitando um maior crescimento. E o mais importante valorizando, reconhecendo, elogiando, ou seja, nutrindo a afetividade da criança. Quando o professor demonstra interesse por ela, faz com que ela se sinta importante e retribua por meio das atitudes aprendidas.

CAPÍTULO III

A IMPORTÂNCIA DO ENVOLVIMENTO DA FAMÍLIA NA ESCOLA

O envolvimento dos pais na educação escolar é necessário somente se concebermos a escola (e o trabalho docente) como dependente da contribuição da família e do trabalho extraescolar de outros adultos em prol da aprendizagem do currículo escolar.

Do ponto de vista da escola, envolvimento ou participação dos pais na educação dos filhos significa comparecimento às reuniões de pais e mestres, atenção à comunicação escola-casa e, sobretudo, acompanhamento dos deveres de casa e das notas. Esse envolvimento pode ser espontâneo ou incentivado por políticas da escola ou do sistema de ensino (Carvalho, 2004).

A política de participação dos pais na escola gera concordância imediata e até mesmo entusiasmada: parece correta porque se baseia na obrigação natural dos pais, aliás, mães; parece boa porque sua meta é beneficiar as crianças; e parece desejável porque pretende aumentar tanto a participação democrática quanto o aproveitamento escolar. Além disso, tem eco na tradição cultural da classe média, especificamente na crença de que a família influencia a política escolar (a qualidade do ensino), sobretudo no contexto das escolas particulares, onde a relação entre pais-consumidores e diretores-proprietários-produtores é direta e a dependência mútua é clara.

Entretanto, além de condições e disposições dos pais para participar, a política de incentivo a sua participação na escola (particularmente no contexto da escola pública) pressupõe aquilo que ela quer construir: continuidade cultural e identidade de propósitos entre famílias e , quando os alunos apresentam dificuldades de aprendizagem e/ou de comportamento, as quais elas não conseguem lidar.

Culpam a família (a ausência dos pais) pelas dificuldades dos estudantes porque têm sido culpadas (implícita ou explicitamente) pelas autoridades escolares, pela mídia e até pelos próprios pais e mães pelas deficiências do ensino e pelo fracasso escolar.

Além disso, carecem de instrumentos teóricos e práticos para desenvolver uma crítica social, institucional e pedagógica efetiva, devido às próprias condições adversas de

vida e de trabalho, que as levam, contraditória e simultaneamente, a promover a aprendizagem dos alunos e avaliá-los segundo o modelo da reprovação.

Os pais tampouco necessitam participar da educação escolar dos filhos quando estes/as vão bem na escola, e preferem confiar nas professoras e deixar para elas a tarefa de ensinar o currículo escolar. (A suposição aqui é que a colaboração dos familiares, na forma de reforço escolar em casa, não é condição necessária para a aprendizagem e o sucesso escolar, e que há alunos e alunas que aprendem sem auxílio extraclasse).

Por um lado, as relações entre pais/mães e filhos em casa podem ser mais agradáveis e relaxadas quando não envolvem exigências escolares, testes e dever de casa. (Parece perigoso restringir e subordinar o amor entre pais e filhos à situação do cumprimento do dever de casa e do sucesso escolar, como sugerido no segundo episódio da cartilha).

Porém, quando pais, interessar pela educação dos filhos não significa cuidar apenas da parte acadêmica, isto é, do sucesso escolar, pois a educação, do ponto de vista da família, comporta aspectos e dimensões que não estão incluídas no currículo escolar.

Em suma, se há concordância acerca do conteúdo, método e da qualidade do ensino oferecido pela escola, isto é, apoio tácito dos pais, e aprendizagem satisfatória dos filhos, isto é, convergência positiva do aproveitamento individual e da eficácia escolar, tudo vai bem à relação família–escola. Mas, se os resultados são insatisfatórios ou deficientes, seja em termos individuais ou institucionais, ou se há conflitos entre o currículo escolar e a educação doméstica, então há problemas.

Portanto, a relação família–escola basicamente depende de consenso sobre filosofia e currículo (adesão dos pais ao projeto político-pedagógico da escola), e de coincidência entre, de um lado, concepções e possibilidades educacionais da família e, de outro, objetivos e práticas escolares. A relação família–escola também será variavelmente afetada pela satisfação ou insatisfação de professoras e de pais, e pelo sucesso ou fracasso do aluno.

Ocorre que família e pais não são categorias homogêneas e as relações entre famílias e escolas, pais/mães (e outros responsáveis) e professoras/professores também comportam tensões e conflitos. Algumas famílias e pais/mães participam mais do que outras; e se as professoras, por um lado, desejam ajuda dos pais, por outro lado, se ressentem quando este envolvimento interfere no seu trabalho pedagógico e em sua autoridade profissional.

3.1 Processos de ensino e aprendizagem

As primeiras aprendizagens das crianças ocorrem na primeira relação com a mãe (primeiras palavras, gestos, etc.). Nesta relação a criança constrói seu estilo particular de aprendizagem, que sofrerá modificações à medida que a criança se relaciona com outros contextos. Segundo Almeida (1999, p.48) apud Gomide (2007, n.p):

Cada estágio da afetividade, quer dizer as emoções, o sentimento e a paixão, pressupõem o desenvolvimento de certas capacidades, em que se revelam um estado de maturação. Portanto, quanto mais habilidade se adquire no campo da racionalidade, maior é o desenvolvimento da afetividade.

Sendo assim, as aprendizagens ocorrem, inicialmente, no âmbito familiar e, depois, no social e na escola. Podemos observar que existe uma grande dificuldade quando ocorre a separação da criança no meio familiar para o meio escolar.

Assim muitas crianças sofrem no primeiro dia de aula e outras não, muitas vezes os professores não são compreensivos e isso faz com que os alunos não aprendam a matéria prejudicando-os futuramente. São várias coisas que podem atrapalhar a vida escolar, as crianças que não são disciplinadas e só fazem o que tem vontade, deixando assim os seus deveres escolares, outras vezes, os pais só querem cobrar dos filhos fazendo ameaças e isso faz com que a criança não se lembre de tudo que estudou. As crianças também podem ter dificuldades em manter a concentração pensando na ameaça dos pais, nas brigas.

Os problemas de aprendizagem como leitura e escrita podem ser causas, sinais e evidências de um processo educacional que está desarticulado ao longo de sua evolução histórica, sendo necessário um resgate do processo de ensino – aprendizagem, deixando aos educadores e aos pais a incapacidade de entender tais problemas como a leitura e a escrita.

O professor deve estar sempre atento aos movimentos das crianças, Gomide (2007), acrescenta que seus movimentos são indicadores importantes de estados emocionais e que devem ser levados em conta no contexto de sala de aula.

O sentido da aprendizagem é único e particular na vida de cada um, logo, inúmeros são os fatores afetivos emocionais que podem impedir esse processo, mas existem dois

fatores principais que interferem na aprendizagem, impossibilitando o fluxo normal do processo de aprender: Primeiro são os fatores internos de ordem orgânicos ou psicológicos (devemos analisar a história da criança, incluindo a avaliação de sua estrutura familiar, para que se possa identificar como a aprendizagem é significada por este grupo). E o segundo são os fatores externos ligados à metodologia de ensino, às condições socioeconômicas e ainda aos recursos do educador.

A dificuldade de aprendizagem é resultante de conflitos que se encontram diretamente relacionados à metodologia pedagógica, ao sistema de ensino e, ainda, ao vínculo que o sujeito estabelece com a escola, bem como com os professores, pais e sociedade.

Assim o afeto explica a aceleração ou retardamento da formação das estruturas; aceleração no caso de interesse e necessidade do aluno, retardamento quando a situação afetiva é obstáculo para o desenvolvimento intelectual da criança.

Cabe a instituição escolar contribuir para que a criança integre seu convívio na sociedade, de outro lado a escola deve ajudar a família a solucionar o problema de seus filhos, reintegrando a imagem que se tem deles. Algumas vezes sendo necessário encaminhamento a profissionais especializados como psicólogos ou psicopedagogos. A escola, o educador e a família devem, pois, ser testemunhas da possibilidade do conhecimento.

Para amenizar alguns problemas existem dois profissionais pelos quais trabalham com essa área: o psicopedagogo institucional e o psicopedagogo clínico.

O primeiro, trabalha dentro da escola ajudando crianças e adolescentes a resolverem seus problemas na vida escolar. Além de orientar a criança, o psicopedagogo institucional poderá orientar os pais, que muitas vezes estão passando por problemas familiares. Já o psicopedagogo clínico usa uma clínica para atender os alunos também com problemas escolares. Em suma, os psicopedagogos são preparados para a prevenção, diagnóstico e o tratamento dos problemas de aprendizagem escolar. Através do diagnóstico clínico ou institucional eles identificam a causa do problema, que podem ser identificados através de testes, atividades pedagógicas, história, jogos etc.

Na escola o psicopedagogo institucional vai atuar junto com os professores para a melhoria das condições do processo de ensino e aprendizagem. A relação entre inteligência e afetividade, razão e emoção no desenvolvimento do aluno e no contexto da educação estão

inteiramente ligadas ao desempenho escolar. Pois o desenvolvimento é um processo contínuo e a afetividade tem um papel imprescindível nesse processo de desenvolvimento do aluno, no entanto, o meio deve proporcionar relações de afetividade entre pais e filhos, professores e alunos.

Uma vez que a ausência de uma educação que aborde a emoção tanto na sala de aula quanto na família traz prejuízos que não poderão ser corrigidos pela ação pedagógica resultando em grandes dificuldades de aprendizagem por parte do aluno. Cabendo aos pais e aos professores dar suporte afetivo para a criança, onde sejam trabalhadas as emoções de forma prazerosa, pois o resultado do trabalho com essas emoções pode resultar em grandes aprendizagens significativas, seja ela em casa ou na escola.

3.2 PROPOSTAS DE MUDANÇAS E RELACIONAMENTO ENTRE ESCOLA E FAMÍLIA

Durante a pesquisa verificou-se que a relação escola e família é indispensável, pois a família com o espaço de orientação, construção da identidade de um indivíduo deve proporcionar juntamente com a escola uma parceria, a fim de contribuir no desenvolvimento da criança.

Em uma reportagem da revista "Veja" publicada no dia 24 de setembro de 2008, verificou-se que o desempenho dos alunos da Coreia do Sul se mostrou acima da média de países com desenvolvimento superior. Segundo a pesquisa o fato deve -se ao envolvimento da família no processo de aprendizagem. Os pais acompanham os filhos na lição de casa de forma organizada, em alguns casos os pais voltaram a estudar para ajudar os filhos no aprendizado. A pesquisa mostra que os melhores exemplos vêm de países asiáticos, como Japão e Coreia do Sul, onde as mães chegam a fazer cursos para aprender a lição dos filhos. A experiência oriental, que tem contribuído para colocar tais estudantes entre os melhores do mundo.

Por outro lado, um fato não planejado foram as medidas emergenciais adotadas pelas escolas durante a pandemia, provocada pelo coronavírus. Seu impacto foi tão grande que

reformulou todo o sistema educacional, em menos de três meses, instaurando entre mudanças urgentes algumas alternativas eficazes para o cotidiano escolar .

Uma das mudanças mais importantes foi na densa ligação entre família e escola. Houve um reajuste na maneira de ensinar, já que o processo de aprendizado saiu das salas (escola) e adentrou as salas residenciais. O lado humano emocional e de proteção da prole, viu que entre o risco à vida ao se expor e expor sua família ao vírus, aproximou familiares do cotidiano escolar dos/as filhos/as. Como já dura quase dois anos, a suspensão das aulas presenciais, construiu um elo, uma parceria e uma nova relação entre pais/mães/responsáveis e instituições de ensino. Portanto, todas as instituições escolares no Brasil, sentiram o quão necessário era o estreitamento dessas relações, de modo que quanto mais integrado for o interesse familiar, menos a criança seria prejudicada.

O ensino remoto, não é e nunca foi um modelo ideal, mas o processo de ensino-aprendizagem ganhou novos territórios onde a família precisou, cada vez mais, se conectar com a escola e suas demandas. É nessa parceria que foi possível acompanhar cada aluno de forma efetiva.

Segundo o orientador educacional Alexandro Alberto Pereira, para fortalecer esse elo é fundamental a diversificação dos canais de comunicação. A troca entre a família e a escola precisa ser rápida e constante". Na visão do professor, precisa haver pilares aos quais a família e a escola precisam ter clareza dos seus campos de atuação, envolvendo planejamento compartilhado, espaços de diálogo sistemáticos e acolhimento socioemocional (Revista direcional escolas, 2021)

É claro que a situação gerou conflitos, pois os pais se tornam coadjuvantes dos professores. Natália Gonçalves é psicóloga explica que dos muitos conflitos ocorridos acabou gerando desgaste e frustração, nesses casos o diálogo deve estar sempre presente. Tanto os pais como a escola precisavam se unir em um mesmo objetivo, ou seja, se alinharem para que as crianças conseguissem ter acesso ao conteúdo escolar. É fundamental ouvir os pais e acolher as suas angústias e dificuldades, para que juntos consigam traçar uma melhor estratégia dentro de cada realidade e de modo que todos se beneficiem (Revista direcional escolas, 2021).

Corroboramos durante todo o estudo com as recomendações sobre a criação de vínculos, assim como defende o Professor Cláudio Sasaki, mestre em Educação pela Universidade de Stanford. Sasaki acredita que os vínculos criam em todos na atmosfera

educacional a noção de pertencimento e senso de importância. Portanto, o caminho envolve a escuta ativa (validando sentimentos); uma consciência real dos papéis de cada um; e favorecer e fortalecer a co-responsabilidade pelo aprendizado e isso cabe aos pais, professores e escola, indissociavelmente (Revista direcional escolas, 2021).

A partir desses exemplos podemos constatar que é possível ter uma relação mais estruturada entre escola e família, ambas contribuindo e cumprindo seus papéis. A escola é a principal responsável por promover iniciativas que levem a família a ter uma participação mais ativa, abrindo suas portas através de atividades culturais, projetos educacionais, envolvendo em atividades como comemorações, palestras, confraternizações com toda comunidade e orientar a família em relação aos seus direitos e deveres como parte da comunidade escolar salientando a importância dessa parceria. A família por sua vez têm o dever de participar da educação dos filhos, ajudando nas lições de casa, participando das reuniões e dos projetos realizados pela escola.

A educação é dever de todos, comunidade, escola e família, todos com o mesmo propósito, uma educação de qualidade para nossas crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É necessário que a escola busque sempre caminhos mais eficientes para atrair a colaboração e ajuda da família e os dois (principalmente) estejam envolvidos no sucesso do processo educativo das crianças. Apesar da resistência de alguns, foi comprovado que o ensino remoto, pode ter sido um grande aliado para aproximar mais a família da escola, uma vez que esse caminho já foi aberto, cabe a comunidade escolar ampliar suas oportunidades.

A metodologia utilizada foi muito importante, pois existe muitas possibilidades sobre o tema, dos objetivos estabelecidos para serem alcançados foi necessário estabelecer um acordo, portanto não foi discutido as tecnologias de informação e comunicação como objetivo específico para unir escola e família, mas no último capítulo foi apresentado como essas ferramentas se tornou necessária durante o ensino remoto.

Escola e família são, portanto, instituições complementares indispensáveis ao desenvolvimento do ser humano e, diante de tais evidências, tornam-se facilmente compreensíveis a relevância da construção de uma verdadeira parceria entre ambas. Logo, a aproximação entre essas duas entidades é indispensável e deve ser constante, porém precisa assentar-se em bases simétricas.

Na função pedagógica, pode-se perceber que nesta relação não deve se ater a somente orientar a família quanto aos processos educativos que estas desenvolvem, mas, sobretudo, a demonstrar como a família e a escola podem colaborar na construção conjunta de atitudes e de valores que somadas, podem enriquecer o processo de aprendizagem e desenvolvimento da sociedade como um todo.

É importante e fundamental uma mudança nas atitudes dos pais e professores, buscar juntos soluções para situações problemáticas, não é tarefa fácil, mas não é impossível, ter uma educação de qualidade, com o apoio da família e de toda comunidade é possível tornar isso realidade, é preciso agir!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rosemberg Alves. **Família patriarcal e nuclear: conceito, características e transformações**. II Seminário de Pesquisa da Pós-graduação em História, UFG/UCG. Goiânia, 14 a 16 de setembro. 2009. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/IISPHist09_RosembergAlves.pdf&ved=2ahUKEwjgrZry0_D0AhWME7kGHV3aDj4QFnoECAQQAQ&usg=AOvVaw0kECvqqE6S1Q6F7_raKiEA>. Acesso em 18/12/2021.

ARIÈS, Philippe. **História Social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksman. 2a ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

BERNARDI, Jussara. **Discalculia: O que é? Como intervir? Jundiá**: Paco Editorial. 2014. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://linguanostra.net/index.php/Linguanostra/article/download/119/129&ved=2ahUKEwiR0LaLp_D0AhUsLLkGHY62BZsQFnoECAMQAQ&usg=AOvVaw0t9oIu2ysypXQONYcEVWAF>. Acesso em: 18/12/2021.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação, LDB. 9394/1996**. São Paulo: Saraiva, 1996.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto Ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros Curriculares nacionais** /Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF 1998, p.174.

BRASIL. Ministério da Educação e da Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. **Educar é uma tarefa de todos nós: um guia para a família participar, no dia-a-dia, da educação de nossas crianças**. Brasília: Assessoria Nacional do Programa Parâmetros em Ação, 2001.

CAETANO, Luciana Mari, **Relação Escola e Família: uma proposta de parceria**. São Paulo. História social da família / 2ª edição Philippe Aires: tradução Dora Flaksman 2.ed Rio de Janeiro. Guanabara 1986.

CARVALHO, M. E. P. de. **Modos de educação, gênero e relações escola-família**. Cadernos de Pesquisa [online]. v. 34, n. 121, pp. 41-58. 2004. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0100-15742004000100003>>.

direcionalescolas.com.br. **Família e escola: parcerias, relacionamentos, interação e novas dinâmicas.** 2021. Disponível em: <https://direcionalescolas.com.br/familia-e-escola-parceria-relacionamento-interacao-e-novas-dinamicas/>. Acesso em 18/12/2021.

ECA – **Estatuto da Criança e do Adolescente.** 2017.

FARIA FILHO, Luciano Mendes. **Para entender a relação escola-família: uma contribuição da história da educação.** São Paulo, 2000, p.44-50.

FERNANDES, Cláudio. **Família patriarcal no Brasil.** Brasil Escola. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/historiab/familia-patriarcal-no-brasil.htm>>. Acesso em 11 de janeiro de 2021.

FILHO, L. M. de F. **Para entender a relação escola-família: uma contribuição da história da educação.** São Paulo, Perspec., São Paulo, v. 14, n. 2, p. 44-50, Junho 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010288392000000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 25 de abril de 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GOMIDE, R. V. S. **A afetividade e o processo de ensino e aprendizagem.** Web Artigos. Mar. 2007. Disponível em: <<https://www.webartigos.com/artigos/a-afetividade-e-o-processo-de-ensino-e-aprendizagem/1233/>>. Acesso em 15/12/2021

GONÇALVES, Cristiane. **Interação pai-mãe-bebê: elementos para análise do papel da paternidade.** Dissertação de mestrado em neurociências da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2002. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/84319/189932.pdf%3Fsequence%3D1%26isAllowed%3Dy&ved=2ahUKEwjxq6TwivH0AhVZHLkGHfP_AhUQFnoECA0QAQ&usg=AOvVaw34uDnFm0bsDNmV3DyHGKq>. Acesso em: 19/12/2021.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 2002. -Didática. São Paulo: Cortez, 1991. (Coleção Magistério 2º Grau).

_____. Considerações gerais sobre avaliação no cotidiano escolar. in: <http://www.luckesi.com.br/publicacoes.htm>> Acesso em 11 de setembro de 2021.

LIRA, B. C. **Passo a passo do trabalho científico**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2019. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?id=Rd2iDwAAQBAJ&printsec=frontcover &hl=ptBR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage & f=false](https://books.google.com.br/books?id=Rd2iDwAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=ptBR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&f=false)> Acesso em: 22 de maio de 2021.

LOUREIRO, M. A. **Relação família - escola: educação dividida ou partilhada?** Revista INFAD de Psicologia. vol. 3 n.1. 2017. p 103-113. Disponível em: <<https://doi.org/10.17060/ijodaep.2017.n1.v3.979>>. Acesso em: 22 abril de 2021.

MORENO, M.C. & CUBERO, R. **Relações sociais nos anos pré-escolares**. Desenvolvimento Psicológico e Educação, Vol. 1. Porto Alegre: artes médicas, 1995.

OLIVEIRA, C. B. E. de; MARINHO-ARAÚJO, C. M. **A relação família-escola: intersecções e desafios**. Estudo psicologia. Campinas , v. 27, n. 1, p. 99-108, Mar. 2010 Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext & pid=S0103166X2010000100012 & lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103166X2010000100012&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 20 de maio de 2021.

OLIVEIRA, G. **A Transmissão dos Sinais Emocionais Pelas Crianças**. In: Sisto, F. Martinelli, S. Afetividade e Dificuldades de Aprendizagem: uma abordagem psicopedagógica. 1. ed. São Paulo: Vetor, 2006.

PICANÇO, A. L. B. P. **A Relação entre Escola e Família – As suas aplicações no processo de ensino – aprendizagem**. Lisboa, maio de 2012.

PILETTI, N. **Psicologia educacional**. São Paulo, Ática, 1984.

SAMARA, E. de M. **O que mudou na família brasileira?: da colônia à atualidade**. Psicologia USP, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 27-48, 2002. DOI: 10.1590/S0103-65642002000200004. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/53500>. Acesso em: 19 dez. 2021.

SILVA, S. M. da. **Influência do meio familiar na aprendizagem da Criança: para uma contribuição para a psicopedagogia**. Web Artigos. nov. 2013. Disponível em: <<https://www.webartigos.com/artigos/influencia-do-meio-familiar-na-aprendizagem-da-crianca-para-uma-contribuicao-para-a-psicopedagogia/115758>>. Acesso em 15/12/2021.

TERUYA, Marisa Tayra. **A família na historiografia brasileira. Bases e perspectivas teóricas**. In: Encontro Nacional de Estudos Populacionais. Caxambú. 2000. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/TodosA%20Fam%C3%ADlia%20na%20Historiografia%20Brasileira....pdf>. Acesso em: 15/12/2021.